

UMA HISTÓRIA SOBRE “TER” E “HAVER”

EVANI VIOTTI
(USP)

ABSTRACT Grammaticalization is a type of syntactic change by which a semantically contentive lexical element becomes a grammatical element. This paper presents the historical development of the Portuguese verbs **haver** and **ter** over time as an example of grammaticalization. It is the contention of this paper that the semantic loss experienced by these lexical items, combined with general principles of grammar, as posited by Chomsky in his **Minimalist Program** (1995), suffice to account for the fact that such verbal elements have developed from lexical categories into functional ones.

1. INTRODUÇÃO

O estudo de verbos leves tem atraído a atenção de inúmeros linguistas, que procuram entender como eles se compõem para realizar a predicação (cf. Grimshaw & Mester, 1988; Belvin, 1996), ou como eles se comparam com outros tipos de verbos e qual a representação sintática que lhes deve ser dada. (cf. Hale & Keyser, 1993; Chomsky, 1995; den Dikken, 1997). Verbos leves derivam historicamente de verbos plenos, por meio de um processo de mudança conhecido como gramaticalização. O objetivo deste trabalho é analisar a gramaticalização dos verbos *haver* e *ter* e as conseqüências das mudanças por eles sofridas na derivação e representação de estruturas construídas a partir desses verbos.

Na seção 2, eu apresento brevemente a teoria de gramaticalização e reanálise diacrônica de Roberts (1992) e proponho uma alternativa. Na seção 3, eu descrevo o percurso histórico de *haver* e *ter* a partir do latim até o século XVI. Na seção 4, eu apresento a minha análise dos dados feita com base no **Programa Minimalista** (Chomsky, 1995). A minha hipótese é a de que uma perda semântica combinada a princípios gerais da gramática explicam a mudança sintática que se verifica nos processos de gramaticalização.

2. GRAMATICALIZAÇÃO E REANÁLISE DIACRÔNICA

Roberts (1992) define a gramaticalização como o processo pelo qual um elemento lexical com conteúdo semântico se transforma em um elemento gramatical. Ele diz que,

em termos formais, a gramaticalização é a mudança de uma categoria lexical para categoria funcional, acompanhada de um *semantic bleaching*. Roberts assume que categorias funcionais não podem atribuir papel temático. E, dentre as categorias lexicais, ele distingue as que podem das que não podem atribuir um papel θ . Assim, para ele, existem verbos plenos, gerados em V, que atribuem papel θ ; verbos auxiliares, também gerados em V, que não atribuem papel θ ; e auxiliares funcionais, gerados em I. Em inglês e nas línguas românicas, auxiliares aspecto-temporais devem ser gerados em V. Os modais do inglês são auxiliares funcionais, gerados diretamente em I.

Roberts explica a gramaticalização por meio de uma teoria de mudança sintática segundo a qual uma categoria lexical, como V, muda para categoria funcional I, quando uma estrutura em que V se movia para I é reanalisada como uma estrutura em que V é diretamente gerado em I. Esse processo é chamado de **reanálise diacrônica**. A reanálise diacrônica é uma relação entre as gramáticas de gerações sucessivas: numa gramática G, uma sentença S tem a estrutura E; numa gramática G' subsequente, a mesma sentença S tem uma estrutura E', que é diferente de E. Vista por esse prisma, a gramaticalização deve ser entendida como a eliminação de um movimento sintático causada pela reanálise diacrônica.

Roberts sugere que a reanálise diacrônica e a correspondente eliminação do movimento são motivadas pelo fato de que estruturas mais simples são preferíveis a estruturas mais complexas. Formalmente, Roberts considera que as estruturas mais simples são aquelas com o menor número de posições de cadeia. Essa preferência é devida a uma estratégia de aquisição - *Least Effort Strategy* - segundo a qual crianças em processo de aquisição preferem representações cujas cadeias tenham um menor número possível de elos.¹

Eu gostaria de propor uma visão alternativa da gramaticalização. A meu ver, a gramaticalização acontece quando um elemento lexical pleno se esvazia de seu conteúdo semântico, passando a não ser mais capaz de estabelecer uma relação predicativa com seus argumentos. Isto significa que a relação entre esse elemento e seus argumentos deixa de ser uma relação temática. Em decorrência disso, esse elemento muda de categoria, transformando-se, de uma categoria lexical, semanticamente plena e capaz de estabelecer relações temáticas, em uma categoria funcional, puramente gramatical. Portanto, o *semantic bleaching*, ou esvaziamento semântico, é a **causa** da gramaticalização, e não um fenômeno que simplesmente “lhe é associado”. A mudança de categoria verificada nos casos de gramaticalização é consequência direta da perda semântica e da aplicação de princípios gerais que orientam a gramática para estruturas mais simples. Em outros termos, Roberts sugere que uma estratégia de aquisição segundo a qual são preferíveis estruturas mais simples a estruturas mais complexas, detona a reanálise que provoca a mudança de uma categoria lexical em categoria funcional. Alternativamente, eu quero propor aqui que um fenômeno semântico tira de uma categoria lexical a sua capacidade de estabelecer relações temáticas, e, em consequência disso, e por causa dos princípios gerais de

¹ Para uma análise dos verbos *ter* e *haver* em português dentro do quadro esboçado por Roberts, ver Ribeiro (1993).

economia a que a gramática está sujeita, essa categoria passa a ser reanalisada como uma categoria funcional².

No caso dos verbos *haver* e *ter*, a minha hipótese é a de que o verbo *haver* se transformou em uma categoria funcional, e o verbo *ter* está também em processo de reanálise diacrônica, porque a perda de conteúdo semântico que esses verbos sofreram e vêm sofrendo ao longo de sua história basta para que eles alcancem uma etapa em que devem ser gerados diretamente como uma categoria funcional. À medida que uma categoria lexical perde a capacidade de atribuir papel temático a seus argumentos, desfaz-se a necessidade de ela ser projetada na parte mais encaixada da estrutura, que é justamente a parte em que se estabelecem as relações temáticas. Assim sendo, tais elementos vão poder ser projetados diretamente nas posições mais altas da estrutura, e, dessa maneira, satisfazer condições gerais de economia, evitando operações custosas de movimento.

3. O PERCURSO DIACRÔNICO DOS VERBOS *HABER* E *TER*

No latim clássico, o verbo *habere* era um verbo estativo, que tinha vários empregos. Ele podia significar *habitar*, como em *qui Syracusis habet* (quem habita em Siracusa), e entrava na construção de algumas expressões fixas, como *bene habet* (isso vai/está bem). Ele entrava também em construções que têm, hoje, o sentido de *estar-com/estar-em*, como em *habere vestem* (estar com um vestido), das quais o sentido de posse parece ter derivado. Assim, por exemplo, *habere fundum* significava *habitar/estar-em um sítio*, como também *ter a posse legal dele*. Esse emprego com sentido de posse se desenvolveu e *habere* passou a concorrer com a expressão *esse + dativo*, verificando-se a alternância de expressões como *mihi est aliquid* e *habeo aliquid* (eu tenho dinheiro). *Habere* era então um verbo predicativo que mantinha sua rede temática intacta, atribuindo papéis θ de possuidor e possuído. Segundo Sampaio (1978), também no latim clássico, *habere* foi usado na construção de uma perífrase aspectual que supria a lacuna deixada pelo aoristo do indo-europeu, que o latim não tinha. A noção de posse, dada por *habere*, era fundamental para a compreensão dessa perífrase. Entretanto, aos poucos essa noção de posse dentro da perífrase foi se perdendo e o verbo *habere*, nesse contexto, tornou-se um verbo auxiliar, desprovido de significação. Concomitantemente, o verbo *habere* predicativo foi perdendo o conteúdo semântico específico de posse e entrando em construções predicativas de caráter genérico. No latim pós-clássico, registram-se construções em que *habere* aparece com sujeito inanimado, num sentido próximo ao do verbo *conter*. Nesse período, *habere* aparecia, ainda que raramente, em construções impessoais de sentido existencial, concorrendo com o verbo *seer*. Esse tipo de construção se desenvolveu mais durante o período do latim vulgar, sempre alternando com construções de sujeito locativo

² É importante ressaltar que eu não tenho qualquer restrição à hipótese de Roberts de que a reanálise diacrônica é uma relação entre gramáticas de gerações sucessivas. Eu simplesmente penso que a gramaticalização não é detonada por uma estratégia específica de aquisição. Ela é antes consequência de um fenômeno semântico associado aos princípios gerais de economia a que a gramática está sujeita.

inanimado.³ É possível que, com o esvaziamento do conteúdo semântico do verbo e a conseqüente detematização da posição de argumento externo, os sujeitos locativos tenham sido reanalisados como adjuntos preposicionados internos a VP e dessa reanálise tenha resultado a construção impessoal do tipo existencial.

Assim, *haver* entrou em português com as seguintes características: (i) com uma rede temática esvaziada, realizando construções predicativas genéricas; (ii) com a posição de sujeito detematizada, realizando construções existenciais; e (iii) completamente desprovido de qualquer conteúdo semântico, como verbo auxiliar formador de perífrases aspecto-temporais.

No que diz respeito ao verbo *tenere*, ele parece ter seguido de perto os passos de *habere*. Originalmente, ele era um verbo transitivo-ativo e tinha um significado próximo ao de *manter/obter*. Aos poucos ele foi coocorrendo com *habere* nas expressões de posse. É possível que naquela época tenha existido alguma preferência pelo uso de *habere* nas expressões de posse de qualidades inerentes ao possuidor, enquanto que *tenere* era preferivelmente empregado nas construções de posse de bens materiais ou externos ao possuidor, principalmente se a idéia de posse está relacionada com traços de agentividade ou causa. Entretanto, existem exemplos de construções com os dois verbos e os dois tipos de complementos, como mostram as sentenças em (01), apontadas por Sampaio (1978):

- (01) a) Haec si habeat aurum, quod illi renumeret, faciat lubens.
Se isso tiver dinheiro que o remunerar, que seja feito facilmente.
- (01) b) Tenere auctoritatem in suos.
Ter autoridade sobre os seus.

Quando *tenere* passou a exprimir posse, concorrendo com *habere*, ele passou a substituir *habere* na perífrase aspectual de aoristo. Como dito acima, essa perífrase era inicialmente formada com *habere* e a idéia de posse era fundamental para a sua compreensão. A perífrase com *habere* evoluiu para um pretérito perfeito composto, a partir da perda da noção de posse em *habere* e da transferência do centro semântico da perífrase para o verbo principal. Nesse momento, *tenere* passou a entrar na formação da perífrase aspectual de aoristo.

Portanto, *ter* também entrou no português com sua estrutura argumental e temática enfraquecida, embora não tão enfraquecida quanto a de *haver*. Primeiro, porque ele ainda não entrava em construções existenciais, indicando que seu argumento externo ainda não podia ser detematizado. Segundo, porque apesar de ele ser também um verbo auxiliar, a perífrase em cuja formação ele entrava dependia de seu significado de posse.⁴ No que diz respeito ao contexto predicativo, *ter* podia ser empregado em

³ Segundo Franchi, Negrão e Viotti (1994), exemplos dessas construções são encontrados em S. Jerônimo, *In Arca Noe habuit serpentes* (Na arca de Noé havia serpentes), e em outras obras, datadas dos séculos IX e X.

⁴ Um exemplo desta formação de perífrase de aoristo em português do século XIII é *E outrossi mando das dezimas das luctosas e das armas e d'outras dezimas que eu tenio apartadas em tesouros por meu reino...*TDA 396.22.

contextos predicativos diversos, da mesma forma que *haver*, indicando seu valor predicativo genérico.

Eu examinei textos dos séculos XIV, XV e XVI integrantes do Corpus Diacrônico do Português organizado por Fernando Tarallo e fiz um levantamento das sentenças construídas com *haver* e *ter* em contextos predicativos ou impessoais, deixando de lado as sentenças em que esses verbos aparecem como modais ou auxiliares aspecto-temporais⁵. Os exemplos que seguem são retirados desse corpus:

(02) Haver em construções predicativas genéricas:

- a) Mas, se elle avya vontade, mais a avya Cepiõ. CGE 94.2
- b) Nõ sseria a jgreia nen averia tal nome...AX 386.51
- c) Seus vassallos, que elle avya ãte que o fezessen rey. CGE 334.27
- d) Foy outrossy a primeyra casa d'oraçõ que os judeus ouverõ. AX 384.10
- e) Ao aegundo dia ouverõ melhora os de Anybal. CGE 86.10

(03) Ter em construções predicativas genéricas

- a) Nõ tendo mentes por guardarsse tã ben como devia...AX 382.1054
- b) E Asdrubal que entom tiinha o senhorio da Spanha. CGE 93.27
- c) Teendo dinheyro, podyã socorrer aos casos furtuytos. CGE 538.27
- d) E tã gram falsidade ten a Santa Jgreia que fazen estes ataes .. AX 383.1089
- e) Em estes teverõ muy neyçio entendimento...AX 415.17

Mattos e Silva (1989, 1996) afirma que nos Diálogos de São Gregório, do século XIV, *ter* não foi encontrado com um complemento com significado de característica ou estado físico inerente, como *enfermidade, idade, barba*. O mesmo acontece no corpus do século XIV que eu examinei.⁶ No contexto em que o complemento é uma qualidade imaterial, Mattos e Silva (1989) encontrou *ter* apenas acompanhado de *fé*. Neste corpus, no entanto, *ter* foi encontrado com complementos como *entendimento, boa vontade, falsidade*. (ver sentenças em (03) acima). O que, de fato, chama a atenção é a diferença de proporção de uso: em quase 82% das sentenças predicativas em que *haver* ou *ter* podem ser usados, *haver* é o verbo preferido.

De toda maneira, o que os dados indicam é que no século XIV, tanto *haver* quanto *ter* tinham uma rede temática de tal forma livre, que esses verbos podiam selecionar argumentos de tipos os mais variados. *Haver* podia ainda ter a posição de argumento externo completamente detematizada, caso em que construí sentenças existenciais, como em (04):

⁵ Para maiores detalhes desse estudo, ver Viotti (1996).

⁶ A primeira vez que o corpus apresentou *ter* com complementos desse tipo foi no século XVI, como na sentença *Destes meus olhos que tenho no rosto*. FMP 22.5

(04) Haver em construções existenciais

- a) Hum dos nobres que hy ha ca este aiuda os dous...AX 120.5
- b) Avya hi hua donzella muy fremosa. CGE 93.12/13
- c) Ouve hy muitos mortos e feridos. CGE 94.17

No século XV, a porcentagem de uso do verbo *ter* já se aproximava da porcentagem do uso de *haver*: cerca de 42% das sentenças que realizavam a predicação “possessiva” eram construídas com o verbo *ter*. No século XVI, *ter* passa a ser o verbo predominante nessas construções, realizando quase 86% das sentenças. Nesse mesmo período, *ter* começa a ser usado em construções impessoais de sentido existencial.

(05) Ter em sentenças existenciais

- a) Antre esta coroa darea e esta ilha tem canal pera poder sahir. MNS 314.2
- b) Dentro tem um ylheo emcostado ao lado de leste. MNS 324.6
- c) Para cima tendo dous bons canais hum aloeste e outro ao leste. MNS 324.9
- d) Na sua ponta da banda do sua tem hua terra alta. MNS 326.19

4. A ANÁLISE

Em seu **Programa Minimalista** (1995), Chomsky estabelece que movimentos ocorrem de uma posição que é θ -relacionada para uma posição não- θ -relacionada: no caso de um argumento, ele se move de uma posição θ para uma posição não- θ ; no caso de um núcleo (ou seja, de um predicado), ele se move de uma posição na qual ele atribui um papel θ , para uma posição em que essa atribuição não pode ocorrer. A relação θ é, portanto, uma propriedade da base e está em distribuição complementar com a relação de checagem, que é uma propriedade do movimento. Esse fato é expresso em uma generalização descritiva a propósito da Condição sobre Cadeias, que diz que em uma cadeia $CH=(\alpha_1 \dots \alpha_n)$, α_n recebe um papel θ , e α_1 entra em uma relação de checagem.

Chomsky enfatiza também o princípio de economia da derivação. De acordo com esse princípio, as derivações devem seguir uma espécie de lei do mínimo esforço, evitando passos supérfluos. Em consequência disso, as representações devem também ser mínimas, já que elas não vão apresentar elementos supérfluos. Isso significa, que a derivação menos custosa é a preferível. Custo é relacionado com distância do movimento. Portanto, a derivação menos custosa deve ser aquela que envolve menos movimento.

Combinando-se essas duas orientações do **Programa Minimalista**, pode-se concluir que, se um núcleo não tem propriedades temáticas, isto é, se ele não tem papel θ a atribuir, ele não deve ser gerado em um domínio em que relações θ vão ser estabelecidas, para depois ter que se mover para o domínio de checagem de traços, sob pena de violar o princípio de economia das derivações. Não existe motivação para a

formação de uma cadeia, já que, nos termos das Condições sobre Cadeia, a cauda da cadeia deve estar em uma relação temática.

A aplicação dessas hipóteses teóricas à história dos verbos *ter* e *haver* resulta num quadro em que esses verbos mudam, em etapas sucessivas, de uma situação em que eles projetam um VP dentro do qual eles estabelecem relações temáticas, para uma situação em que, esvaziados de seu conteúdo semântico e incapazes de estabelecer relações temáticas com seus argumentos, eles são gerados diretamente no domínio de checagem de traços formais sob a projeção de uma categoria funcional, da qual eles são um mero suporte.

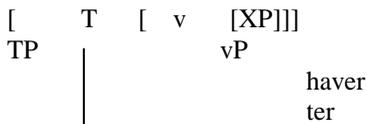
Dessa forma, no percurso diacrônico desses verbos, há um momento inicial⁷, no latim, em que eles são verbos plenos e capazes de estabelecer relações temáticas, o que é feito dentro da projeção gerada pelo “merge” deles com seus argumentos. Dessa posição, eles se movem para a categoria funcional T, para a checagem dos traços V-fortes de T, constituindo uma cadeia bem-formada, com a cabeça (α 1) em posição de checagem, e a cauda (α n) em posição de atribuição de papel θ .

(06) Momento 1: *habere/tenere* em latim, verbos plenos



Há um segundo momento, que já pode ser visto no português do século XIV, em que esses verbos, já bem enfraquecidos semanticamente, realizam predicacões genéricas, que parecem decorrer mais das propriedades semânticas do complemento do verbo, do que do verbo propriamente dito, ou da composição do verbo com seu complemento. Nesses tipos de sentença, ainda que de forma bastante genérica, existe uma predicacão sendo feita. Como a predicacão é expressa em termos de relações temáticas, eu penso que ainda nesses casos o verbo inicia a derivação na posição mais encaixada, ou seja, no complexo de VP. Uma alternativa que o **Programa Minimalista** oferece é a de que esses verbos, que não são mais verbos plenos porque já entraram em processo de gramaticalização, sejam gerados como um v, e projetam um vP, ao invés de serem gerados como V, projetando um VP. Dessa posição, o verbo sobe para T, da mesma forma que um verbo pleno.

(07) Momento 2: *haver/ter* realizando predicacões genéricas; já aparece nos dados do português

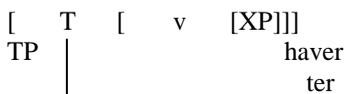


⁷ Como visto acima, esses momentos não são coincidentes para os dois verbos

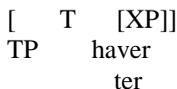
Num terceiro momento da história, *ter* e *haver* fazem tanto essas predicções genéricas, como aparecem em construções impessoais, de sentido existencial. No caso das sentenças existenciais, o verbo não estabelece uma relação temática na sentença. A predicção é realizada por um outro elemento predicador, dentro da “coda”, que é a parte da sentença existencial que segue o verbo. O verbo é somente um operador discursivo, necessário para a construção de uma sentença apresentacional. Sendo assim, nesse tipo de sentença, não existe necessidade de o verbo iniciar a derivação na posição encaixada de VP, que é o domínio temático, para depois se mover para T para a checagem de traços formais. Ele pode ser diretamente gerado em T para a checagem dos traços V-fortes dessa categoria, evitando um movimento custoso, e respeitando o princípio de economia da derivação. Esse terceiro momento histórico pode ser exemplificado pelos dados do verbo *haver* nos séculos XIV, XV, e XVI, e pelos dados do verbo *ter*, do século XVI até hoje.

Momento 3: *haver* até o século XVII e *ter* a partir do século XVI

a) Predicções genéricas:

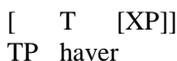


b) Sentenças existenciais



O momento que segue essa fase em que o verbo tem uma dupla função é exemplificado pelos dados do verbo *haver*, do século XVII até os dias de hoje. A partir daquele século, *haver* deixa de efetuar predicções genéricas, passando a ser exclusivamente usado como operador existencial, ou como verbo auxiliar ou modal⁸. Isso indica que *haver* é hoje em dia um verbo completamente desprovido de conteúdo semântico, totalmente gramaticalizado, e, portanto, mais uma categoria funcional do que uma categoria lexical. Como categoria funcional, não há motivo para que ele seja gerado em um posição de domínio temático, para, em seguida se mover para o domínio de checagem. Ele deve ser diretamente inserido do domínio de checagem.

Momento 4: *haver*, a partir do século XVII até hoje



⁸ Eu lembro que o estudo de *haver* e *ter* como verbos auxiliares e modais está fora do escopo deste trabalho.

5. CONCLUSÃO

Neste trabalho, eu mostro que princípios gerais da gramática, da maneira como formulados no **Programa Minimalista**, são suficientes para explicar as mudanças de categoria que acontecem quando se dá um processo de gramaticalização, como o sofrido pelos verbos *haver* e *ter*. A mudança de categoria é conseqüência direta da perda semântica sofrida por esses verbos. Ao se esvaziarem semanticamente, *haver* e *ter* perderam a capacidade de estabelecer relações temáticas. Conseqüentemente, a necessidade de esses verbos serem gerados dentro de um domínio temático deixou de existir também. Princípios gerais de economia fazem com que sejam preferíveis derivações menos custosas, ou seja, aquelas em que tenha ocorrido um menor número de movimentos. Dessa maneira, os verbos em processo de gramaticalização *haver* e *ter* passaram a começar a derivação em posições mais altas na estrutura, evitando movimentos supérfluos.

A proposta deste trabalho é semelhante à hipótese de Roberts (1992) sobre a gramaticalização à medida que ambas concordam que a gramaticalização envolve a mudança de natureza de uma categoria, que passa de lexical a funcional. Entretanto, eu me afasto de Roberts no que diz respeito à causa de mudança de categoria. Enquanto ele considera que essa mudança é fruto de uma reanálise motivada por uma estratégia específica de aquisição, à qual está **associado** um *semantic bleaching*, eu penso que o *semantic bleaching* é o **ponto de partida** e a **causa necessária** para a mudança da natureza categorial do item lexical em questão, já que é essa perda semântica que permite que um determinado elemento não precise ser gerado dentro de um domínio temático, podendo ser gerado diretamente no domínio de checagem.

BIBLIOGRAFIA

- BELVIN, R.S. 1996. Inside events: The non-possessive meanings of possession predicates and the semantic conceptualization of events. Tese de doutorado. University of Southern California.
- DEN DIKKEN, M. 1997. **Take** serials light up the middle. Ms., Vrije Universiteit Amsterdam/HIL.
- CHOMSKY, N. 1995. **The minimalist program**. Cambridge, Mass: MIT Press.
- FRANCHI, C., E.V. Negrão, E. Viotti. 1994. A sintaxe das orações existenciais. Ms., Universidade de São Paulo
- GRIMSHAW, J. e A. Mester. 1988. Light verbs and θ -marking. **Linguistic Inquiry** 19, 205-232
- HALE, K. e S.J. Keyser. 1993. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In K. Hale e S.J. Keyser, eds., **The view from Building 20**. Cambridge, Mass: MIT Press.
- MATTOS E SILVA, R.V. 1989. **Estruturas trecentistas: Elementos para uma gramática do português arcaico**. Lisboa: Estudos Gerais, Imprensa Nacional
- _____. 1996. A variação *haver/ter*. In Mattos e Silva, org., **A Carta de Caminha: Testemunho lingüístico de 1500**, Salvador, BA: Editora da Universidade Federal da Bahia.

- RIBEIRO, I. 1993. A formação dos tempos compostos: A evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. In I. Roberts., e M.A. Kato, orgs., **Português brasileiro: Uma viagem diacrônica**. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- ROBERTS, I. 1992. A formal account of grammaticalisation in the history of Romance futures. Ms., University of Wales.
- SAMPAIO, M.L.P. 1978. Estudo diacrônico dos verbos TER e HAVER, duas formas em concorrência. Ms., Assis.
- TARALLO, F. s/d. Corpus diacrônico do português. Campinas, SP
- VIOTTI, E. 1996. Verbos que constroem sentenças existenciais. Ms., Universidade de São Paulo.